

APROXIMAR-SE DE SI, UM CAMINHO PARA O EMPODERAMENTO FEMININO A PARTIR DE UMA VIVÊNCIA EM DANÇA UTILIZANDO ASPECTOS DO MÉTODO BAILARINO-PESQUISADOR-INTÉRPRETE

Ana Carolina Constantino Mazolini(Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)¹

Larissa Sato Turtelli (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)²

RESUMO

O trabalho a ser apresentado refere-se aos resultados e análises de três oficinas em Dança do Brasil desenvolvidas com base em aspectos do método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI), oferecidas em 2018 e 2019 na Estação Cultura na cidade de Campinas, que tiveram como público-alvo mulheres com mais de 18 anos. Essas oficinas estão vinculadas à pesquisa de mestrado da autora, intitulada “Aproximar-se de si, um caminho para o empoderamento feminino a partir de uma vivência em dança utilizando aspectos do método Bailarino-Pesquisador-Intérprete” e desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Prof.^a Dra. Larissa Sato Turtelli. O objetivo dessa proposta foi oferecer uma vivência em Dança a partir do método BPI tendo como foco o primeiro eixo do mesmo, o Inventário no Corpo e quatro das cinco ferramentas desenvolvidas no método, a Técnica de Dança, Técnica dos Sentidos, Laboratórios Dirigidos e Registros, a fim de verificar se a partir desse trabalho seria possível oferecer caminhos para que as participantes aprofundassem o conhecimento sobre si, sua individualidade, identidade e expressividade do corpo visando o autoempoderamento. Essa pesquisa abraçando definições sobre processo de empoderamento feminino, como, apropriação de si; maior autonomia sobre seu corpo e suas possibilidades, sentimentos e caminhos; partindo do interno para avançar a outras perspectivas e condições sociais agindo assim de forma mais coerente consigo, suas ideias e atuação, contou com a participação de mais de cem mulheres.

¹Mestranda em Artes da Cena (IA – Unicamp) e graduada em Dança pela Unicamp (2015). Atua como professora de Arte narede de ensino municipal de Indaiatuba.

²Doutora em Artes (IA-Unicamp, 2009), Mestre em Educação Física na Linha de Pesquisa de Imagem Corporal e Movimento (FEF-Unicamp, 2003) e graduada em Dança pela Unicamp (1995). É Professora Doutora do Instituto de Artes da Unicamp, com atuação na Graduação em Dança e na Pós-Graduação em Artes da Cena. Atualmente é Coordenadora de Graduação dos Cursos de Licenciatura e de Bacharelado em Dança da Unicamp.

PALAVRAS-CHAVE

Método BPI; dança do Brasil; empoderamento feminino; mulheres; oficina de dança.

ABSTRACT

The work to be presented refers to the results and analyzes of the three Dance of Brazil workshops developed and based on aspects of the Dancer-Researcher-Performer (BPI) method, offered in 2018 and 2019 at Estação Cultura in Campinas city, which had women over 18 years of age as the audience. These workshops are linked to the author's master's research, entitled "Approaching yourself, a path to woman empowerment from an experience in dance using aspects from the Dancer-Researcher-Performer method" and developed in the Graduate Program in Performing Arts at the State University of Campinas (UNICAMP), under the guidance of Prof. Dr. Larissa Sato Turtelli. The objective of this proposal was to offer an experience in dance from the BPI method, focusing on its first axis, the Inventory in the Body, and four of the five tools developed in the method, the Dance Technique, Senses Technique, Directed Laboratories, and Records, to verify if from this work it would be possible to offer ways for them to participate and expand their knowledge about themselves, their individuality, identity, and expressiveness of the body formed by self-empowerment. This research defines the process of woman empowerment, such as self-appropriation; greater autonomy over your body and possibilities, capabilities, and paths; starting from inside to move to other perspectives and social conditions, acting more coherently with themselves, their ideas and actions, with the participation of more than a hundred women.

KEYWORDS

BPI method; dance of Brazil; woman empowerment; women; dance workshops.

Este trabalho apresenta um relato sobre os resultados obtidos na primeira parte da pesquisa de mestrado intitulada "Aproximar-se de si, um caminho para o empoderamento feminino a partir de uma vivência em dança utilizando aspectos do método Bailarino-Pesquisador-Intérprete", ainda em andamento. Esse projeto foi iniciado em 2018 no Programa de Pós-graduação em Artes da Cena da Universidade

Estadual de Campinas (Unicamp) e conta com a orientação da Prof.^a Dr.^a Larissa Sato Turtelli.

A referida pesquisa de mestrado tem como ponto de partida a minha experiência no método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI) que teve início em 2011 quando ingressei no Curso de Graduação em Dança da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Durante a graduação eu tive a oportunidade de vivenciar e desenvolver pesquisas com o método BPI realizando as disciplinas de Dança do Brasil (obrigatórias e eletivas, totalizando 6 disciplinas) e dois anos de Iniciação Científica com o projeto “Cohabitar com a fonte: Uma pesquisa com os pescadores da Vila de Picinguaba a partir do Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete)”, sob a orientação da Professora Doutora Larissa Sato Turtelli, e financiada pela Fapesp (Proc.: 2013/14764-2 – vigência: 01/10/2013 à 30/11/2015).

No último ano da graduação, relacionado à criação do Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Dança, realizei uma pesquisa de campo complementar em terreiros de Candomblé na cidade de Cachoeira (BA) com outros quatro pesquisadores do mesmo método, que resultou no espetáculo conjunto "Depois Daquele Canto", com direção da Prof.^a Titular Graziela Rodrigues e da Prof.^a Dra. Larissa Turtelli.

No desenvolvimento desse espetáculo de dança, fruto do meu processo de pesquisa e estudo no método, estruturou-se em meu corpo a personagem Madalena. Esta personagem, uma mulher negra com forte relação com a terra, mas que teve seu lugar ocupado e por isso precisou sair em busca de um novo lugar para viver, trouxe aspectos da delicadeza e ao mesmo tempo da força feminina, o sentido da existência e resistência frente às dificuldades da vida. Trouxe ainda, alegria, vitalidade e potência física que não havia sentido ainda em meu corpo com nenhum outro processo criativo em dança. A personagem gerou integridade na dança, envolvendo movimentos, imagens, emoções, relacionados inclusive, à conteúdos das mulheres que conheci e me identifiquei em campo, assim como de outras mulheres, reais e imaginárias.

O método BPI promove um trabalho sensível e de profundo contato interior, ele me proporcionou experiências significativas relacionadas à arte, à dança e também à vida pessoal. Propiciou-me ferramentas capazes de ampliar o meu autoconhecimento sobre: meu corpo, sentimentos, minha identidade e história. Por meio do método pude conhecer mais sobre a cultura popular brasileira e alguns segmentos sociais do Brasil, entender melhor sobre os rituais, as danças, os festejos,

seus valores e significados e o que esses conteúdos despertavam em mim e na minha dança.

O Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI)¹ é um método artístico de pesquisa e criação em dança, embasado em eixos específicos e desenvolvido a partir de ferramentas próprias, que favorece a potência latente na dança de cada intérprete em conexão com segmentos sociais singulares. Cada intérprete, através do BPI, alcança uma estruturação corporal própria, construída por meio do processamento de memórias, imagens, emoções e sensações, provenientes do seu encontro com as pessoas com quem ele conviveu em pesquisa de campo. Na busca por um corpo vigoroso e mobilizado internamente, muitos artistas utilizam o método BPI ou aspectos do mesmo para a criação nas artes da cena. (RODRIGUES et al., 2016, p.552)

Diante de todo o meu processo no método, das transformações positivas que aconteceram em mim no campo artístico e no meu desenvolvimento pessoal, minha identificação com as mulheres do campo pesquisado, dos conteúdos despertados em mim por elas, pela personagem Madalena e também pela afinidade com as lutas e práticas sociais feministas, é que senti o desejo de elaborar uma oficina de Dança do Brasil, baseada no método BPI e focada no público feminino.

Nessa perspectiva, a vivência proposta teve como objetivo proporcionar um espaço seguro e exclusivo para a expressividade dessas mulheres, pensando o método BPI, mais especificamente um de seus eixos, o Inventário no corpo, e suas ferramentas. Rodrigues e Tavares explicam:

[...] No primeiro eixo, a memória do corpo é ativada através de diversas percepções, tais como visuais, auditivas, táteis e proprioceptivas. Busca-se nesta fase [Inventário no Corpo] uma ampliação da auto descoberta com maior consciência e apropriação pelo bailarino de sensações, sentimentos, história cultural e social que lhe são pertinentes. [...] (2010, p.146)

As oficinas foram elaboradas com o propósito de serem um caminho possível para aproximar essas mulheres de si, construindo bases iniciais, ou dando prosseguimento, para um processo individual de auto empoderamento.

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade, estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si e sobre o mundo em volta, e, ainda de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo

ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade. (BERTH, 2019, p.21)

O método BPI, criado e desenvolvido pela Prof.^a Dr.^a Graziela Rodrigues, é trabalhado na Unicamp no curso de Graduação em Dança desde 1987, já com um público predominantemente feminino. Por esse motivo esse projeto foi pensado para acontecer em outro lugar da cidade, fora do ambiente acadêmico e para mulheres de outras regiões de Campinas, além de Barão Geraldo.

Foram realizados 3 módulos de oficinas que ocorreram entre maio de 2018 e outubro de 2019 com apoio e parceria do coletivo NINA – Núcleo Interdisciplinar de Narradores e Agentes Culturais. Ao todo participaram 102 mulheres de 18 a 64 anos de idade e uma criança de 10 anos. Dessas, 39 completaram os módulos no quais se inscreveram. Das participantes 10 realizaram dois módulos e uma delas completou todo o projeto de pesquisa participando dos três módulos. A divulgação e inscrição para as oficinas foram feitas pela internet.

Cada módulo das oficinas foi estruturado em 9 encontros. Estes encontros aconteceram uma vez na semana com duas horas de duração cada. Os módulos I e II intitulados *Oficina de Danças Brasileiras para mulheres – Conhecer-se e Empoderar-se* foram realizados na Sala dos Toninhos, e o terceiro módulo *Oficina de Dança do Brasil para mulheres – estudo da dança das orixás femininas, Yabás*, ocorreu na sala 03, ambas localizadas na Estação Cultura de Campinas.

Assim como já mencionado, os três módulos de Oficina de Dança do Brasil para Mulheres tiveram como base para a sua estrutura e desenvolvimento o primeiro eixo do método BPI, o Inventário no Corpo, e quatro das cinco ferramentas do método: A Técnica de Dança, a Técnica dos Sentidos, Os Laboratórios Dirigidos e Os Registros, só não foram realizadas Pesquisas de Campo. Os encontros seguiram uma organização similar nos três módulos: roda de conversa sobre o método e o tema que seria desenvolvido no dia; prática de dança; laboratórios dirigidos; momento de registros e roda de conversa final sobre o encontro.

Nesses três módulos, as oficinas e o processo das participantes foram registrados³ em vídeos, áudios e fotografias, no meu diário e em registros feitos por elas em formato de desenhos, modelagem em argila, escrita durante os encontros e em um questionário final de cada módulo. Dessa forma, foi possível acompanhar com

³As formas de registro foram aprovadas pelo Comitê de Ética da Unicamp CAAE:06962919.9.0000.8142 e consentidas por todas as participantes quanto ao seu uso para pesquisa.

proximidade o desenvolvimento de cada participante e dos grupos como um todo. Todo esse material foi organizado, analisado e as conclusões desse processo serão apresentadas a seguir.

Diante das vivências, dos registros feitos por mim e pelas participantes e de todos os dados analisados foi possível chegar às conclusões sobre o desenvolvimento das oficinas de dança propostas, da forma como elas foram recebidas pelas participantes, da experiência em grupo vivida por elas e do processo individual dessas mulheres.

Foi possível perceber que, a princípio houve certo estranhamento por parte de um grupo de participantes quanto a forma de condução da oficina e a proposta do método BPI. Durante as rodas de conversa essas participantes pontuaram que inicialmente elas acharam que seria uma aula de dança “normal”, mas, segundo as mesmas, a proposta dessas oficinas superou as próprias expectativas.

Essas participantes que demonstraram estranhamento inicialmente, já haviam tido experiências anteriores com dança, mas a partir de outras técnicas e métodos mais tradicionais. De acordo com o depoimento dessas participantes, a espera era por uma aula que oferecesse passos de dança das matrizes afro-brasileiras em sequências montadas e coreografadas.

Por outro lado, houve um grupo de participantes que se atraiu pela proposta das oficinas pelo seu objetivo em oferecer um contanto mais sensível consigo mesma e principalmente, pelo tema estar relacionado às mulheres e ao feminino. Essas mulheres disseram que se interessaram pelas aulas, pois estavam buscando formas de conhecerem-se melhor e realizarem atividades que lhes proporcionasse prazer. Segundo algumas delas, elas estavam sentindo-se distantes de si, do seu lado feminino e há algum tempo estavam buscando alternativas para conhecerem-se melhor e redescobrirem afinidades. Em determinados depoimentos, essas participantes disseram ter passado por outras experiências em busca deste autoconhecimento, como, terapias diversas, práticas e grupos de estudos.

Entretanto, independente dos motivos pelos quais as mulheres se interessaram pela oficina, no início dos módulos foi possível observar um nível alto de tensão no corpo das participantes, o que impedia o fluxo de movimento. Demonstrando preocupação em acertarem as dinâmicas propostas, era nítido a reprodução dos gestos e direções no ambiente acontecendo de forma isolada entre as partes do corpo e de forma externa, sem conexão com os sentidos e estados internos.

Com o decorrer dos encontros, as explicações sobre o método e a proposta das oficinas, as participantes foram apropriando-se das Técnicas de Dança e da Técnica dos Sentidos e permitindo-se adentrar no campo das imagens, sensações, sentimentos, movimentos, e posteriormente no das modelagens. Essa apropriação das participantes pelo método em seu corpo foi visível à medida que as mulheres foram compreendendo os circuitos internos trabalhados e ganhando maior integridade na dança. A escuta também foi sendo ampliada e junto com ela a percepção do espaço, das outras participantes e de si.

Muitas mulheres carregavam consigo outros padrões estéticos de movimentos de experiências anteriores com danças tradicionais de palco, assim como, outras sentiam-se inferiorizadas e com pouca capacidade para realizar as práticas de dança. Em ambos os casos, mais ou menos a partir do terceiro encontro, foi possível perceber as participantes mais concentradas em realizarem a prática percebendo de forma mais detalhada o próprio corpo, os estados internos, suas possibilidades de movimento, se abrindo para uma relação mais sensível com as outras participantes e construindo novos caminhos expressivos que partiam de uma relação interna, da interação das mulheres entre si e com o ambiente que estava sendo construído nesses encontros.

Assim como nas propostas realizadas em grupo, as participantes foram apropriando-se dos dojos. Esse foi o espaço que elas menos tiveram dificuldade em compreender e utilizar. Desde o início, os relatos foram de prazer em ter um espaço individual para a expressividade do corpo e ampliação dos sentidos. As mulheres fechavam os olhos e se entregavam de fato as conduções direcionadas por mim, relatando no final um percurso de imagens, sensações, sentimentos, movimentos e modelagens vivenciados por elas, cada uma em sua particularidade.

Os níveis de aprofundamento no processo do método BPI foram diferentes entre si. Foi perceptível, assim como dito, que essas mulheres que se identificaram e forma mais rápida com o método e com a proposta das oficinas, tiveram maior facilidade para adentrar principalmente no campo das imagens e sensações da Técnica dos Sentidos, assim como, compreenderam melhor no corpo os aspectos da Técnica de Dança que foram trabalhados. Porém, a maior diferença entre esses processos foi a disponibilidade de cada uma em aprofundar-se nos conteúdos pessoais que foram surgindo durante a prática e as pesquisas individuais.

Ao longo do processo as participantes foram acessando memórias do corpo, descobrindo outros movimentos e emoções que percorriam seus fluxos de sentidos.

Apesar da potência corporal percebida por elas com espanto, pois a grande maioria surpreendeu-se de forma positiva com os níveis de rendimento físico, força muscular, dinamicidade que alcançaram durante as práticas, o movimento integral e genuíno do corpo levou-as também a acessar-se de forma mais profunda e em alguns momentos encontrar elementos de si não tão agradáveis que despertaram sentimentos como tristeza, raiva, angústia.

Quando se lida com o movimento em profundidade, muitas vezes o intérprete se depara com suas próprias referências emocionais que, através do contato com as sensações corporais, vêm à tona, muitas delas desconhecidas dele mesmo até esse momento. Devido a essa conjuntura, no método BPI trabalha-se o desenvolvimento pessoal do intérprete junto com o artístico. Na prática cotidiana com o método tem-se observado a potência desse reconhecimento de si mesmo, por exemplo, quando a pessoa constata a atuação dos seus próprios mecanismos de defesa e isso reverte positivamente na fisiologia do movimento. Assim, é dada ao intérprete a possibilidade de ter acesso a conhecimentos da psicologia, como mais uma ferramenta para proporcionar o seu desenvolvimento artístico e pessoal. (RODRIGUES et al., 2016,p.553)

Grande parte dessas participantes permitiu-se investigar esses conteúdos mais difíceis de serem olhados e que surgiram durante esse processo. Cada uma em seu tempo foi se aproximando e aprofundando o conhecimento sobre esses novos aspectos da sua história, dos sentimentos que surgiram a partir do corpo e sobre o que estava sendo elaborado neste processo, chegando a compreendê-los e dar passagem a esses sentidos.

Duas participantes do terceiro módulo registraram:

Percebo acessar camadas profundas, força, reconhecimento dela... Disposição para me cuidar e investigar relações que estabeleço com as diferentes identidades ao longo do tempo. Fluidez. Potência. (Antônia⁴, 10/2019)

Sinto a água mais calma, porém com correntezas. Tenho vontade de deitar, pois não há como enfrentar uma correnteza. Sentimento de que coisas acontecem e me atravessam independente de mim e lutar contra pode ser desastroso. Deixar passar, atravessar. (Júlia, 09/2019)

Porém, algumas participantes ao entrarem em contato consigo de forma mais sensível e identificarem novos conteúdos internos a serem explorados decidiram não se aprofundarem, ou então prosseguirem apenas até certo ponto. Parte dessas mulheres relatou que em determinados momentos pensou em desistir:

Acho que precisei mergulhar um pouco mais fundo para perceber essa cobrança, de uma postura que eu nem sei qual é, é uma cobrança que eu não reconheço, acho que nem é minha, mas é extremamente forte,

⁴A fim de preservar a identidade das participantes, todos os nomes citados são fictícios.

paralisante. O que resulta em um corpo engessado e instável por falta de flexibilidade. Existe dança, mas o corpo está engessado. [...]Diria que estou mais curiosa sobre o meu corpo, mas às vezes bate uma preguiça de quebrar todo esse gesso e porque exatamente eu estou tentando quebrá-lo? (Tamires, 07/2018)

Minha descoberta: gosto de guardar lá no fundo, beeeem no fundo o que me incomoda. Segue a vida sem pensar que vai ficando bem, até que não dá mais. Me preocupei um pouco em pensar como vai ser quando não estiver mais cabendo nas “gavetas”. (Vitória, 09/2019)

Independentemente do nível que cada participante permitiu aprofundar-se, é possível concluir que a escuta dessas participantes sobre si e seu corpo foram ampliadas e que elas chegaram a outros estados de movimento, percepções e maior aproximação de si.

Um lugar reconhecido por elas para acessarem, sentirem-se e descobrirem mais sobre si, foi o dojo. Uma das participantes na última roda de conversa do terceiro módulo falou sobre o que significou para ela o dojo. É possível, a partir desse e de outros depoimento e registros das participantes, perceber como as oficinas alcançaram o objetivo inicial em proporcionar um lugar seguro a essas mulheres para que elas sentissem-se a vontade para dançar e expressarem-se, e como as oficinas, sua estrutura, a condução, o método, puderam oferecer caminhos e instrumentos para que elas aproximassem-se de si, pudessem ampliar o conhecimento sobre seu corpo, possibilidades, sobre sentimentos e emoções, histórias, vivências que as integram e formam a sua identidade.

Eu acho muito legal a liberdade que o dojo confere. Porque eu fico imaginando que quando está dançando todo espalhado pelo espaço a gente se deixa influenciar, mesmo que sem perceber uma pela outra. E o louco é que é só um traço no chão, e que de repente parece que fecha todo mundo que está lá fora e você está no seu aquário de experimentações. Eu acho muito bonito perceber que esta barreira que a gente constrói, que impede que a gente seja mais verdadeira com o mundo a nossa volta, ela é muito ilusória. É um traço no chão. Eu gosto desta liberdade. O mais bonito de tudo isso está sendo perceber que inconscientemente eu consegui transferir isso em outros momentos da minha vida, da minha rotina. Porque parece que é um lugar [...] que nada aconteceu, que eu vim aqui e só dei uma dançadinha, mas aí você vê que quando está lá conversando com uma pessoa você consegue ser mais verdadeira com a pessoa, colocar seus limites. Você consegue ser mais verdadeira mesmo, e tudo isso por causa dessa derrubada dessa barreira. É muito louco como quando você desenha uma barreira no chão, você destrói as outras barreiras que você se coloca para se expressar. Pelo menos tem sido assim pra mim. (Renata, 10/2019)

Foi interessante perceber entre as transformações ocorridas nessas mulheres, como os sentimentos e características sobre si estavam interpretados como estáticos nas

próprias descrições dadas pelas participantes sobre si e como elas ganharam plasticidade, dinamicidade e domínio, as fazendo compreender outras possibilidades de fazer, ser, sentir e metamorfosear.

Durante a oficina percebi um corpo. Um corpo que descobri/reconheci atravessado por diferentes temporalidades. Terminei esse processo sentindo-me mais pertencente a esse corpo e responsável por ele. Pois sou eu hoje quem pode reconhecê-lo, escutá-lo, cuidá-lo. Acredito que tenho me respeitado mais e silenciado para compreender o que sinto. Estou mais atenta ao que sinto. Esse processo de silenciamento tem sido severo, com menos ansiedade do que costumava vivenciar. Menos pressa de chegar em algum lugar e apenas pertencer a esse corpo no momento. (Júlia, 10/2019)

Finalizo a análise das oficinas com o último registro escrito pela mulher que participou dos três módulos completos. Ao final do processo vivenciado nas oficinas, ela percebeu que gostaria de trilhar outro caminho profissional e decidiu voltar a estudar para atuar em outra área de conhecimento. Esse relato proporciona um encontro com as definições abraçadas por essa pesquisa sobre o processo de empoderamento feminino: apropriação de si; maior autonomia sobre seu corpo e suas possibilidades, sentimentos e caminhos; partir do interno, do mínimo, para avançar a outras perspectivas e condições sociais; agir de forma mais coerente consigo, suas ideias e atuação, para então avançar a outras perspectivas e condições sociais.

Sinto uma abertura em relação ao meu corpo e ao das outras mulheres, que reverbera e ressoa dentro da Oficina e fora (em casa, no trabalho, na família, no sexo). Durante os módulos, senti meu corpo dançante, pulsante, brincante, errante em diferentes tempos e espaços. Me percebi disponível a mim, pra além da produção, construção de cuidado em relação à outra, ao outro (que faz parte de mim no meu cotidiano e trabalho). Senti sensações ordinárias e extraordinárias, muitas inéditas, muitas. Algo muito significativo que atravessa os três processos, foi o ato de me parir, de poder nascer de novo e inclusive de me reinventar profissionalmente, ao redescobrir que desejo atuar no mundo a partir das Artes, do corpo, da criação. Descobri que eu posso ser o meu próprio colo, a minha própria mãe, que posso ser doce (mas não dócil) e delicada comigo mesma; percebi que várias vezes eu mesma sou meu próprio obstáculo e que posso me libertar das amarras que eu mesma criei. Apre(e)ndi ao longo dos 3 módulos a bancar e sustentar aquilo que desejo, acredito e que quero fazer. Compreendi mais fortemente as lutas das mulheres, a trajetória e dores das mulheres da minha família... Com o arquétipo de Nanã Buruquê, pude aprender sobre a firmeza, a sábia confiança, que posso ser meu colo. Com Yemanjá, o autocuidado, o amor em sua pureza. Com Iansã, a limpar as feridas, os caminhos, a encarar com coragem as escolhas e processos de reinvenção... com Oxum, a delicadeza que posso assumir pra mim, a doçura para comigo também, não em relação à alteridade... O que veio forte foi a sedução, o me seduzir, o desendurecer os quadris. Nas produções de modelagem no barro, na argila, a Nanã pra mim,

simboliza uma montanha, toda enrugada, como uma representação de Pachamama (mãe terra). Na Yemanjá, apareceu um quadrilzão parindo, seios fartos nutrizes. Na Iansã, a representação de uma vagina, um bebê, cheio de caminhos no interior da vagina. E na Oxum, um útero, uma bacia, que me remeteu fortemente à família, a criação, ao poder criador. (Liana, 10/2019)

REFERÊNCIAS CITADAS

BERTH J. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019 (Feminismos Plurais/ Coordenação de Djamila Ribeiro).

RODRIGUES, G.E.F. et al. **Corpos em Expansão: a arte do encontro no método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI)**. Revista Brasileira de Estudos da Presença [BrazilianJournalonPresenceStudies], v. 6, n. 3, p. 551-577, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbep/a/nCNnbPdfJp6c6CT4Gbkrfkp/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 02 ago. 2021.

RODRIGUES, G.; TAVARES, M. G. **Mudanças na Imagem Corporal de Bailarinas que vivenciaram o Método BPI**. Repertório: teatro & dança, Salvador, Universidade Federal da Bahia, ano 13, n. 14, p. 145-152, jan. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/4675>. Acessado em: 02 ago. 2021.